

NOTA DA AUTORA:

Após a 1.^a temporada de *A minha vida fora de série*, escreveram-me muitos leitores a perguntar se a ONG do livro realmente existe e como poderiam tornar-se voluntários.

Para escrever, inspirei-me na Cão Viver, instituição localizada em Belo HorizonteMG. Informações: www.caoviver.com.br.

Esta e tantas outras ONG de proteção animal espalhadas pelo mundo precisam de todo o apoio possível. Procura a da tua cidade. Sei que o Rodrigo e a Priscila iam gostar da tua atitude!

Paula Pimenta

.....Agradecimentos.....

Quero agradecer-vos porque, sem cada um de vós, isto nunca teria acontecido. Ao longo da história, vocês nunca deixaram de me apoiar e de me amar. E é por isso que eu aqui estou.

(Glee)

Muito obrigada...

À Mãe, à Aninha e à Elisa, que me foram indicando se eu estava no caminho certo ao lerem capítulo por capítulo, à medida que foram escritos.

Ao Kiko, pelo apoio de sempre, por ouvir o livro em voz alta e por aguentar os meus ataques de ansiedade durante os meses em que hibernei a escrever. Não teria conseguido sem ti.

À Carol Christo, por me ouvir, por me aconselhar e não me deixar desatinar em alguns momentos...

Às «Gêmeas da Paula», por me ajudarem com as páginas de fãs, com as colunas e tudo o resto... e ainda por tentarem animar-me a todo custo, especialmente no período de escrita deste livro! Meninas, sem vocês teria sido muito mais complicado!

À Luara, por me ter dado dicas sobre São Paulo e por me ter ajudado a escolher o bairro da Pri.

À Isabela (Belú), pelas informações sobre as faculdades de Veterinária e por me ter falado um pouco do curso.

*Ao Celeiro e às meninas dos intercâmbios,
por me tratarem sempre como se eu ainda tivesse a vossa
idade e com isso me fazerem voltar a ser adolescente! :)*

*À Thê e ao Emmanuel, por me terem viciado
em One Tree Hill, e ao Will, por me ter
ajudado com as citações desta série.*

*Ao Bruno, à Mari, à Júlia, à Helena, à Luiza,
à Gleid e à Larissa, pelos seus emocionantes depoimentos!*

*Aos meus leitores queridos,
por continuarem a ser os melhores do mundo!*

Se pudesses voltar atrás no tempo e mudar apenas uma coisa na tua vida, mudarías? E se o fizesses, será que essa mudança iria melhorar a tua vida? Ou será que ela acabaria por destroçar o teu coração? Ou por destroçar o coração de outra pessoa? Será que escolherías um caminho completamente diferente? Ou mudarías apenas uma única coisa? Um único momento? Um momento que tu sempre quiseste recuperar?

(One Tree Hill)

..... Prólogo

*Stefan: Tudo o que tu sabes, tudo o que
conheces está prestes a mudar.
Estás preparada para isso?*

(Diários do Vampiro)

Tem cuidado com o que desejas. Eu já tinha ouvido esta frase, mas nunca a tinha levado a sério. Até que um dos meus desejos se realizou... fazendo com que a minha vida saísse completamente de órbita. E só então compreendi esta advertência. Porque é mesmo preciso termos muito cuidado com aquilo que desejamos. Simplesmente porque podemos conseguir.

Lembro-me perfeitamente do desejo que pedi ao soprar as velas dos meus dezassete anos. Pedi silenciosamente, com todas as minhas forças, que os meus pais voltassem a viver juntos. Claro que, no fundo, eu sei que o meu desejo de que isso acontecesse não teve assim *tanta* influência... Na verdade, os dois nunca se separaram completamente um do outro. Sei isso porque, mesmo que eles tenham tentado ser discretos, foram muitas as recaídas. Eu via muito bem os olhares que eles lançavam um ao outro nas visitas do meu pai a Belo Horizonte. E perdi a conta às vezes que ouvi sem querer as risadas da minha mãe ao telefone com ele, recordando situações do passado, quando a suposta razão do telefonema seria apenas falar das minhas notas ou perguntar pelo Arthur. E houve também os *e-mails* repletos de sedução que eu li sem querer, ao passar pelo quarto da minha mãe, que nunca se lembra de desligar o computador. OK, sei que não devia ter lido, mas toda a gente sabe que eu sou curiosa! E até àquele momento o meu maior sonho era que os dois se voltassem a reconciliar...

Sim, até àquele momento. Porque o facto é que, quando num belo dia de inverno o meu pai me avisou que eu não precisava de comprar a minha habitual passagem para São Paulo, percebi que se passava alguma coisa. Afinal, ele fazia questão de que passássemos juntos todas as minhas férias. Mas não daquela vez. Pelo contrário, disse que ele mesmo iria a Belo Horizonte porque precisava de falar comigo sobre um assunto importante, *juntamente* com a minha mãe. E foi então que eu percebi. Nunca acreditei em sexto sentido, premonição, essas coisas... Mas, naquele momento, tenho de admitir que a minha intuição me fez logo perceber tudo o que ele me ia dizer. Por isso, no fim da semana seguinte, quando ele chegou e eu lhe abri a porta e ele e a minha mãe piscaram o olho um ao outro, eu já tinha certeza do que estava para vir.

Mas ainda assim não estava preparada.

— Priscila, temos uma boa notícia para te dar.

Foi o que eles disseram, ao almoço, entre garfadas de salmão com alcaparras, que, por sinal, é o prato preferido do meu pai e que a minha mãe não cozinhava há anos por achar que se ia entristecer ao recordar os bons momentos... Mas naquele momento ela não parecia nada triste, muito pelo contrário.

Sei que as bombas são geralmente lançadas quando ninguém está à espera... Mas podiam ter pelo menos esperado pela sobremesa. Assim teria saboreado aquela *mousse* de chocolate que tinha debaixo de olho desde a véspera. Mas depois do que eles disseram, perdi completamente o apetite. Foi como recuar vários anos no tempo, quando, aos treze anos, os dois me convocaram para uma conversa muito semelhante a esta, mas para me dizerem que se iam separar. A sensação que eu tive foi a mesma, apesar dos sorrisos dos dois em vez das lágrimas da outra vez. Como se estivessem de novo a colocar-me num foguetão rumo ao desconhecido. Como se os guionistas da série da minha vida descobrissem que as audiências estavam baixas e que por isso tinham de fazer uma mudança radical, alterando cenários, mudando o enredo, trocando personagens...

— Prica, há já uns tempos que eu e a tua mãe falamos pela Internet...

O meu pai começou a explicação, olhando fixamente para mim, provavelmente a tentar desvendar a minha reação através da minha expressão facial.

— E também pelo telefone — acrescentou a minha mãe, com os olhos muito abertos, o que faz apenas quando se sente tensa com alguma coisa.

— E então, quando nos encontramos aqui em janeiro, quando fizeste dezoito anos, acabaram por acontecer umas coisas entre nós... — continuou o meu pai, parecendo muito atrapalhado, como se eu ainda tivesse uns seis anos e ele me estivesse a explicar de onde vêm os bebês.

Como a minha mente já se tinha encarregado de recriar a cena minuciosamente — e sentia-me muito desconfortável com isso —, perguntei depressa:

— E...?

Ele então continuou:

— E a partir daí, durante os últimos seis meses, percebemos que os problemas que fizeram com que nos separássemos deixaram de existir...

— Posso saber que problemas eram esses? — perguntei apenas para que ele parasse de fazer aquelas pausas intermináveis entre uma frase e outra.

Isto fez com que a minha mãe suspirasse, como se não quisesse relembrar nada daquilo. Mas, ainda assim, arranjou forças e disse:

— Em especial, os problemas do dia a dia. Na altura da separação, a nossa vida tão agitada fez com que puséssemos a nossa relação em último plano. Tu e o Arthur vinham sempre em primeiro lugar, claro. Em segundo, os nossos empregos. Em terceiro, a vida social. E finalmente, na altura de nos preocuparmos com o nosso casamento, já estávamos tão cansados que nos limitámos a varrer o casal que formávamos para debaixo do tapete, colocando a nossa vida conjugal no último lugar da lista de prioridades. Mas precisámos deste tempo separados para

perceber isso, Pri. Já namoras há vários anos, sabes que uma relação passa por fases. Acontece que deixámos que uma fase má se prolongasse por tanto tempo que não conseguíamos ver uma solução. Precisámos de todos estes anos para encontrar um caminho de regresso, para perceber que os defeitos que atribuíamos um ao outro não eram assim tão graves... Eles foram apenas ampliados por causa da rotina, das nossas dificuldades em outras áreas... Mas o facto é que o tempo mostrou-nos que nada daquilo era assim tão grave e tão forte quanto... o amor que nós ainda sentimos um pelo outro.

A minha mãe disse aquela última frase a olhar para o chão, mas o meu pai pegou na mão dela com carinho, ela apertou a dele, e foi nesse instante que realmente senti a dimensão do que eles me estavam a tentar explicar. Sem dizerem nem mais uma palavra, percebi que a partir daquele momento toda a minha vida ia mudar. Mais uma vez...

1

Peyton: Neste momento, há seis mil milhões, quatrocentas e setenta milhões, oitocentas e dezoito mil, seiscentas e setenta e uma pessoas no mundo. Umhas estão a fugir assustadas. Algumas estão a ir para casa. Umhas mentem para conseguir enfrentar o dia. Outras estão agora a encarar a verdade. Algumas delas são pessoas más em guerra contra o bem. E outras são boas, lutando contra o mal. Seis mil milhões de pessoas no mundo. Seis mil milhões de almas. E por vezes... tu só precisas de uma.

(One Tree Hill)

— Parabéns, princesa!

A voz do Rodrigo soou supernítida ao telefone, como se estivesse a poucos metros de distância e não a milhares de quilómetros. O que me provocou um enorme sorriso, mas ao mesmo tempo trouxe lágrimas aos meus olhos. Desde o início do nosso namoro, há cinco anos e meio, aquela era apenas a segunda vez que eu passava o meu dia de anos sem ele. Aliás, há já muito tempo que não estávamos tantos dias longe um do outro... A última vez tinha sido quando ele fora passar uns dias com a família a Morro de São Paulo, tinha eu acabado de fazer dezasseis anos. Desde essa altura, compartilhávamos todos os passeios, por mais insignificantes que fossem. Até agora...

— Espero que sejas sempre muito feliz... — continuou o Rô, fazendo-me ter vontade de puxá-lo para mim pelo fio do telefone.

— Mas vem ser feliz ao meu lado, Pri... já não aguento as saudades!

Limpei a cara, que em poucos segundos tinha ficado encharcada, e respirei fundo. Eu também estava a morrer de saudades! Tentando conter as lágrimas, apenas respondi:

— Dentro de três dias estou aí!

Eu não queria que ele pensasse que eu estava triste, na verdade não estava. Aquela viagem tinha sido uma ideia minha.

Era até o meu presente de aniversário. Na verdade, de *vários* aniversários... E estava a ser tudo tão maravilhoso que adiei o regresso! Não havia razão nenhuma para eu estar a chorar, mas a voz do Rô tinha-me feito perceber como tudo seria ainda mais perfeito se ele estivesse ali comigo...

— Vais esperar-me ao aeroporto, não vais? — continuei, já mais controlada. — Tenho a impressão de que vais adorar os presentes que te comprei!

— Priscila, eu disse-te para não te preocupares com isso! — Mesmo sem ver a expressão dele, percebi que estava chateado. O Rodrigo só me chamava *Priscila* quando o assunto era sério. — Fartaste-te de trabalhar a tomar conta, passear e dar banho a todos aqueles cães e gatos para juntares dinheiro... Não era preciso trazeres-me um presente! Só queria que te divertisses muito!

Que me divertisse muito... Se eu me divertisse ainda mais, era capaz de querer ficar para sempre! Aliás, aquela tinha sido de longe a melhor viagem da minha vida, os melhores dias que eu já tinha passado! E se não fosse pelo Rodrigo, era mesmo bem provável que eu arranjasse maneira de ficar por ali... Quer dizer, eu voltava, mas apenas para ir buscar todos os meus animais.

— Não gastei muito... — expliquei meio atrapalhada. Na verdade, gastara bastante com o presente dele. Com os presentes. Mas, na semana anterior, tinha passado por uma loja de instrumentos musicais e vira uns pratos incríveis para a bateria dele e também umas baquetas, e em Venice Beach eles vendem todas aquelas *T-shirts* com imagens de baterias e frases engraçadinhas como «*I prefer the drummer!*» e eu não resisti a comprar aquilo tudo... Claro que abdiquei de comprar umas séries novas, mas sabia que o sorriso que ele ia fazer ao desembulhar todos os presentes ia compensar.

— Rô, por falar em gastar, esta chamada vai ficar cara. Queres entrar no Skype? Até já está ligado, eu estava a falar com os meus pais. Nem imaginas o que eu fiz hoje! Tenho de te contar todos os pormenores!

— A minha irmã tem o meu *notebook*, emprestei-lho porque ela deixou o dela no Canadá. Podia ir buscá-lo, mas aqui

* «Eu prefiro o baterista!»

já é meia-noite, acho que a Sara já deve estar a dormir. Tentei ligar-te várias vezes mais cedo, mas tocou e ninguém atendeu.

Notei uma certa mágoa na voz do Rodrigo. Aquela diferença de seis horas de fuso horário estava mesmo a prejudicar a nossa comunicação. Para mim, ainda eram seis da tarde e estava a ser o melhor dia de anos de toda a minha vida. Fui ver uma gravação de séries! Mas não a de uma série qualquer. Nem nos meus melhores sonhos eu imaginaria que isso seria possível, foi a da minha série preferida... E ver os meus atores do coração a cantar e a dançar ali mesmo, perto de mim, tinha sido mágico! E eu devia tudo isso a uma pessoa... à *Fani*.

Confesso que acordei um pouco pensativa. Eu já estava em Los Angeles há vinte e três dias. Inicialmente, a minha intenção era voltar para casa para passar o Natal. No entanto, ali era tudo tão intenso que, de repente, os dez dias que supostamente durariam a minha viagem começaram a parecer muito pouco. Havia tanta coisa para ver, para fazer... Então, consegui convencer o meu pai a adiar a minha viagem de regresso. *Dois* vezes. Mas tinha-me esquecido de um pormenor... O meu aniversário.

Nunca gostei de ter nascido no terceiro dia do ano, nunca posso comemorar convenientemente porque é uma data em que toda a gente vai para fora. Mas o carinho do Rô e da minha família sempre compensou. Por isso, quando acordei e me lembrei que este ano não ia estar com eles, arrependi-me durante uns momentos por não ter voltado mais cedo para casa. Mas o arrependimento passou logo ao pequeno-almoço, quando a *Fani* e a *Tracy* apareceram com um bolo cheio de velas e, em seguida, fizeram a *Winnie*, a cadelinha da *Fani*, saltar para o meu colo. Foi quando percebi que ela tinha um envelope preso à coleira.

— O que é isto? — perguntei apenas por perguntar. Antes mesmo da resposta, já o estava a desembrulhar e a tirar de dentro uma espécie de convite. E nesse momento percebi que este seria o melhor aniversário de sempre! Olhei para a *Fani* e para a *Tracy*, que me olhavam fixamente, sorrindo, ansiosas por saberem se eu tinha gostado. Ao ler, gritei tanto que a *Winnie* começou a ladrar, achando que eu tinha enlouquecido ou coisa parecida...

Priscila Panogopoulos

Guest

**This pass is valid for access to the
Glee set on January the 3rd only**

No pictures allowed*

E tudo o que eu mais queria agora era contar todos os pormenores do meu dia ao Rodrigo. Mas, pelos vistos, isso ia ter de esperar.

— Ah, que pena estares sem o computador, Rô... — disse eu, a começar a sentir-me outra vez meio chateada. — Não conseguiste falar comigo mais cedo porque eu não estive aqui. Passei o dia inteiro no estúdio da Paramount, a ver a gravação de *Glee*! A Fani arranjou maneira de eu entrar!

Na verdade, o verdadeiro responsável tinha sido o Christian, o ex-namorado da Fani. Mas o Rodrigo não gostava dele por causa do Leo, por isso achei melhor ocultar esse pormenor.

— Foi o máximo, estou ansiosa para te contar tudo! Estou tão feliz! E hoje à noite vamos sair, a Fani tem cá um amigo espanhol, ele é muito engraçado e disse que não comemorar o dia de anos dá azar para o ano todo!

Notei que ele ficou uns momentos calado, mas logo a seguir disse:

— Que bom, Pri... Assim que chegares quero ver todas as fotografias da gravação!

Eu ia começar a explicar que uma das normas do estúdio era não se poder tirar fotografias lá dentro, mas que, por coincidência, eu tinha encontrado a Heather Morris à saída e, assim, tinha conseguido uma única fotografia daquele dia inesquecível, exatamente com a atriz que interpretava uma das minhas personagens preferidas da série.

Porém, o Rodrigo continuou a dizer:

— Agora tenho mesmo de desligar, mas amanhã falamos no Skype, OK?

* Priscila Panogopoulos / Convidada / Esta entrada é válida para acesso ao estúdio de *Glee*, no dia 3 de janeiro apenas / Proibido tirar fotos

Apesar de ter achado que o Rodrigo estava um bocado frio, concordei logo. Realmente não dava para ficarmos na conversa numa chamada internacional. Despedimo-nos e, quando eu já estava a afastar o telefone do ouvido, ele ainda disse:

— Pri, por favor, não adies mais uma vez a viagem de regresso... Esta cidade está muito chata sem ti.

Então era isso. Não era frieza, eram só saudades. Fiz um enorme sorriso e tive vontade de abraçar o telefone.

— Não vou adiar, prometo. E tu não respondeste... Vais esperar-me ao aeroporto?

— Tens alguma dúvida? — perguntou.

Suspirei, mandei um enorme beijo e desliguei, pensando que ali estava a primeira coisa que eu tinha aprendido aos dezanove anos: é possível sentirmo-nos tristes e felizes ao mesmo tempo...



De: Priscila <pripriscilapri@aol.com>

Para: Luiz Fernando <lfpanogopoulos@mail.com.br>

Lívia <livulcano@netnetnet.com.br>

Enviada: 04 de janeiro, 08:45

Assunto: Regresso

Olá, pai e mãe mais lindos do mundo!!!

Posso adiar o meu regresso mais uma vez? Queria ficar só mais uma semana, juro que é só mais uma... Por favor!!!

Ah! ah! ah!, brincadeira! Só estou a escrever para dizer que não precisam de me ir buscar ao aeroporto, o Rodrigo vai esperar-me e leva-me a casa.

Beijo enorme, a morrer de saudades!

Pri

P.S.: Mas se me deixarem alterar outra vez a viagem de regresso, vou adorar!



De: Luiz Fernando <lfpanogopoulos@mail.com.br>

Para: Priscila <pripriscilapri@aol.com>

CC: Livia <livulcano@netnetnet.com.br>

Enviada: 04 de janeiro, 09:57

Assunto: Re: Regresso

Quase um mês sem nos veres e já nos estás a dispensar, hã? Sei como é... Depois as mães e os pais tornam-se uns chatos, a proibir namoros e ninguém percebe a razão!

Nada disso, minha menina. Nós vamos esperar-te ao aeroporto. Diz ao Rodrigo para passar cá por casa mais tarde, para te ver, quando a gente já tiver matado todas as saudades.

Pai



De: Livia <livulcano@netnetnet.com.br>

Para: Priscila <pripriscilapri@aol.com>

Enviada: 04 de janeiro, 10:02

Assunto: Re: Re: Regresso

Não lrigues ao pai, ele está apenas com ciúmes. Imagino o quanto tu e o Rodrigo estão loucos para se encontrar. E é mesmo bom ficarem uns momentos a sós. Já convenci o pai a esperar-te tranquilamente aqui em casa. Sei que vocês vêm do aeroporto diretamente para cá, não é??? Senão eu também vou ficar com ciúmes.

Estou desesperada para saber todos os pormenores dessa viagem, porque de certeza que foi maravilhosa. Afinal, mal tiveste tempo de mandar notícias, além dos e-mails a pedires para adiares

o regresso! E ainda bem que é brincadeira, porque agora é evidente que a resposta seria NÃO. Não aguento mais as saudades que tenho da minha filha!

Beijinhos,

Mãe

P.S.: Conseguieste fechar as malas? Espero que não tenhas de pagar excesso de bagagem.

2

Ben: É impressão minha ou estás a tentar destruir a minha vida amorosa?

(18 to Life)

Mãe, acordei e não estava ninguém em casa. Onde é que está toda a gente? Vou agora buscar a Priscila, devo ficar em casa dela até tarde. O Bombril e a Estopa estão lá em cima no terraço. Se chover, leva-os para dentro, por favor.

Beijo!
Rodrigo



De: Alan <alan_alan@mail.com.br>

Para: Rodrigo <rrrrrrodrigoooo@gmail.com>

Enviada: 06 de janeiro, 10:57

Assunto: Ontem

Então, Rodrigão!

Mando-te este e-mail porque acabou o saldo do meu telemóvel.

Ontem foi espetacular, hã? Mas não te percebo, puto! O mulherio a atirar-se a ti e tu a fazeres-te de morto! Puto, a Priscila esteve um mês no estrangeiro e tu nem sequer sabes o que ela por lá fez! Curte a vida, man!

A que horas é que saíste do bar? Nem te vi ir embora, estava meio ocupado com aquela giraça que desencantei. Muito gira, mas fala muito... Tive de lhe fechar a boca! Se é que me percebes!!!

Para a semana volto para a Baía, só vim mesmo buscar o resto das minhas coisas. Estás numa de sair hoje? Vai haver um espetáculo do Nabor, no Entrefolhas! O Leo já alinhou! E olha que amanhã cedinho ele volta para o Rio de Janeiro, só veio passar uns dias com a família. Ainda bem que ele largou a Fani, aquilo era um atraso de vida! Agora que ele vive no Rio, cheio de cariocas à volta, nem aguenta ficar muito tempo em Belo Horizonte! Estás a ver, Rodrigo? Só tu 'tás parado no tempo!

Como disseste que a Priscila chega hoje e eu já sei que te vais praticamente mudar para casa dela, fica já o convite para me ires visitar a Caraíva! Mas antes, acaba com esse namoro, OK? É chato apresentar-te às minhas amigas e tu desprezares as miúdas! Elas sentem-se rejeitadas e depois sou eu que tenho de aumentar a autoestima delas... Grande problema! Huahuahua! Pensando bem, podes ir quando quiseres, até é bom teres uma namorada!

Abraços!

Alan



De: Rodrigo <rrrrrrodrigooooo@gmail.com>

Para: Alan <alan_alan@mail.com.br>

Enviada: 06 de janeiro, 11:32

Assunto: Re: Ontem

Olá, Alan!

Ontem foi mesmo fixe, já tinha saudades de sair contigo e com o Leo! Mas hoje, por pouco não me atrasei, acordei há bocado!

Ouve, só para reafirmar aquilo que te pedi ontem: não contes ao Leo que a Priscila foi visitar a Fani, OK??? Para todos os efeitos, ela estava em São Paulo. Não é nada de importante, mas é que eu estive no Rio no mês passado e não lhe falei nisso... Não quero que o Leo se sinta passado para trás ou algo assim, ele é meio ciumento com tudo o que tem a ver com a Fani, sabes bem.

Obrigado pelo convite, mas hoje vou mesmo matar as saudades que tenho da minha namorada! Pode ser que um dia arranjes uma miúda que te atraia mais do que todas as outras juntas e então vais perceber-me!

Mas a ver se nos encontramos antes do teu regresso ao paraíso!

Rodrigo



De: Alan <alan_alan@mail.com.br>

Para: Rodrigo <rrrrrrodrigooooo@gmail.com>

Enviada: 06 de janeiro, 11:42

Assunto: Re: Re: Ontem

'Tás louco? Como se eu fosse falar com o Leo sobre a Fani! Quem vive do passado é museu!

OK, se um dia eu encontrar uma miúda que me faça esquecer as outras, eu conto-te. Acho que só se for num outro universo! A Priscila não tem uma prima? Preciso de descobrir se isso é de família porque para te segurar assim durante tantos anos ou a rapariga fez algum feitiço ou o beijo dela sabe a cerveja!

Adeus!

Alan



Rodrigo, onde é que estás que não atendes ao telefone? Já tentei o telemóvel e o fixo! A mãe e o pai foram àquele almoço de beneficência, podes ir buscar-me a casa da minha amiga? Ela mora no Belvedere, dormi aqui ontem. Podíamos aproveitar e ir ao cinema ao Belo Horizonte Shopping, o que é que achas? Adorei este nosso programa da semana passada, adoro sair com o meu irmãozinho! *Love you!* Sara



Hoje não vai dar, Sara... Estou a ir para o aeroporto buscar a Pri e já estou atrasado! Depois combinamos ir ver outro filme. Podes voltar de táxi? Beijos! Rô



Ah, não!!! Tinha-me esquecido que essa *cola* chega hoje! Que raio, Rodrigo, tens o ano inteiro para namorar, mas eu só cá estou de férias no Brasil até ao fim de janeiro! :(Sara



Há quase um mês que não vejo a Pri, Sarinha... E já combinei ir buscá-la. Prometo que ainda vou passar muito tempo contigo antes do teu regresso ao Canadá! Beijão! Rô

3

*Nathan: Se tiveres sorte, se fores a pessoa
mais sortuda do mundo, a pessoa que tu
amas também te vai amar.*

(One Tree Hill)

Eu estava a dormir profundamente quando cheguei a Belo Horizonte. Na viagem de ida, o avião tinha apenas um ecrã e o filme que passaram era um tédio... Mas, no regresso, todas as pessoas tinham o seu pequeno ecrã particular, preso ao encosto do banco da frente, e havia tantas séries ótimas na programação que simplesmente não consegui adormecer! Passei o voo inteiro a ver todos os episódios possíveis. Foi só já em solo brasileiro, depois de ter feito escala no Rio, quando me sentei no avião para Belo Horizonte — que por sinal não tinha nenhuma televisão —, que todo o cansaço me atingiu. E então apaguei. Acordei com a assistente de bordo a dar-me um toque no ombro, avisando-me que tinha de desembarcar. Fiquei uns trinta segundos a tentar perceber onde estava, ainda mais porque o meu relógio indicava seis horas da manhã e lá fora estava um sol abrasador! Mas, aos poucos, situei-me e percebi que, embora ainda estivesse no fuso horário de Los Angeles, tinha chegado a casa.

Desci do avião com uma sensação de estranheza. Apesar de ter estado quase um mês fora, era como se o tempo não tivesse passado. O aeroporto continuava igual... Os terminais, a cafetaria, a banca de revistas e até as pessoas pareciam as mesmas! Mas quando peguei nas malas e passei pela porta das chegadas, percebi que, na verdade, tinha estado muito tempo fora. Porque ao olhar para o Rodrigo, que estava à minha espera à saída, senti de um só golpe todas as saudades a atingirem-me e não percebi como é que tinha conseguido estar tanto tempo sem ele.

Nas séries, quando os casais se reencontram ao fim de uns tempos separados, a cena é quase sempre a mesma: correm na

direção um do outro, agarram-se, largam as malas no chão, perturbando a passagem das outras pessoas, esse drama todo. Mas acho que na vida real não é assim. Pelo menos, não na minha vida. Porque, no momento em que o vi, parei e fiquei apenas a matar as saudades que tinha de olhar para ele.

Ele encontrava-se no meio de vários desconhecidos, mas parecia o mais colorido de todos, mesmo com a camisa cinzenta que trazia vestida. Apesar do sorriso que fez ao ver-me, continuava com aqueles olhos tristes que eu tanto amava, que me davam vontade de tomar conta dele, de pegá-lo ao colo... Notei que ele tinha cortado o cabelo e que estava mais bronzeado. Mas apesar disso, continuava a ser o meu Rodrigo. Que era parte tão importante da minha vida que eu já nem me conseguia lembrar de como ela era antes de ele aparecer.

Aproximei-me devagar e, sem dizer uma palavra, ele tirou-me a mala da mão e a mochila das costas. Só depois de pousar tudo com cuidado no carrinho onde já estavam as minhas outras malas, é que me abraçou.

— Senti tanto a tua falta, Pri... — disse ao meu ouvido, com o corpo colado ao meu. E então afastou a cara e ficou a observar-me, como se estivesse a verificar se eu tinha voltado inteira. Sorri, puxei-o novamente para mim e dei-lhe um longo beijo, para ele perceber de uma vez por todas que eu continuava a mesma. E foi nesse momento que compreendi o que a minha mãe tinha querido dizer sobre «irmos diretamente para casa». Na verdade, só tinha vontade de matar todas as saudades o mais depressa possível. Mas percebi que íamos ter de esperar um bocado, porque no meio do beijo o telefone dele começou a tocar.

— Deve ser o teu pai... — disse ele meio contrariado. — Ele já me ligou umas três vezes a perguntar se tu já tinhas chegado.

O Rodrigo tirou o telemóvel do bolso e vimos que tinha razão. Passou-me o telefone e fez sinal para irmos andando para o estacionamento enquanto eu falava.

O meu pai queria saber como tinha corrido o voo, se me tinham parado na alfândega para abrir as malas, se eu tinha comido alguma coisa durante a escala, porque comida de avião

não alimenta... Em seguida, passou o telefone à minha mãe. Com toda a paciência, respondi às mesmas questões. Eu sabia que eles podiam esperar e perguntar-me tudo pessoalmente, daí a menos de uma hora, mas, na verdade, acho que ficar longe de uma filha durante quase um mês deve tirar algum discernimento às pessoas.

Quando saciaram toda a curiosidade, o Rodrigo já tinha tido tempo de guardar as minhas malas no porta-bagagens. Então, abriu a porta para eu entrar e eu perguntei a rir:

— Ena, que cavalheirismo é esse? As saudades fazem milagres, não é?

Ele fez um sorriso meio atrapalhado, como se estivesse a pensar nisso, entrou no carro pelo outro lado e ligou o motor.

— Como correu tudo no Rio? — perguntei assim que ele começou a guiar.

Era um longo percurso até minha casa, teríamos seguramente tempo de pôr a conversa em dia. E eu queria começar exatamente por aquele tema: a viagem dele ao Rio de Janeiro. O Rodrigo tinha ido lá passar uns dias, especialmente para visitar o Leo, que se tinha mudado para lá seis meses antes. Mas pouco falámos durante este período, por isso estava cheia de curiosidade de saber se o Leo ainda gostava da Fani, se se tinha arrependido de ter acabado tudo com ela e tudo o mais... Só que eu tinha a certeza de que o Rô não me ia oferecer isso assim de bandeja. Ainda mais agora, depois de eu ter passado todos estes dias com a Fani... Ele devia estar a pensar que, no segundo seguinte, eu iria contar tudo à Fani! Mas ele estava muito enganado porque ou a Fani era uma atriz muito boa ou ela tinha mesmo virado a página. Houve só um dia em que falámos no Leo e isso só aconteceu porque eu puxei o assunto. Mas ela apenas respondeu superficialmente e pediu-me para mudarmos de tema. Aliás, aquela tinha sido a única vez que eu vislumbrei um resquício da antiga melancolia da Fani. Parecia que em Los Angeles ela tinha desabrochado, mal a reconheci, quando cheguei. Estava tão faladora e até... extrovertida! Cheia de amigos, a sair à noite... Mas por vezes, quando baixava a guarda, ainda reconheci aquela Fani de sempre. E isso era bom, porque apesar de ter adorado

as mudanças, senti algumas saudades daquela menina tímida e sonhadora que ela sempre fora.

O Rô olhou de esguelha para mim e disse:

— Foi normal, foi o que te contei por *e-mail*. Muito sol, muita praia... Percebeste porque é que eu não te liguei nem entrei no Skype no período em que lá estive, não percebeste, Pri? Eu disse ao Leo que tu estavas em São Paulo. Sei lá, achei que ele pudesse sentir-se um bocado traído. Mas quando cheguei ao Rio vi que ele não se ia importar, afinal, seria diferente se tivesse sido *eu* a ir a Los Angeles visitar a *ex* dele. Só que achei melhor não desmentir, porque, nesse caso sim, ele sentir-se-ia enganado. Sabes que o Leo é um bocado temperamental.

— Vocês falaram da Fani? — perguntei diretamente e encarei o Rodrigo. Ele não sabia mentir, a expressão dele denunciava-o sempre. Por isso, se eles tivessem falado dela, certamente que eu perceberia.

— Falámos — ele assentiu, para minha grande surpresa. — Ele ainda gosta dela. Não que me tenha confessado isso, mas o Luigi e o Danilo, um novo colega dele, deram a entender. Mas o Leo está a esforçar-se para esquecê-la. Até já arranjou uma nova namorada e tudo...

— Verdade? — perguntei surpreendida. Eu achava que, depois da Fani, o Leo ia andar com várias raparigas, mas que demoraria muito até voltar a namorar a sério. — A Fani também já arranjou outro namorado... — respondi, olhando pela janela. Ao contrário do que eu pensava em relação ao Leo, eu sabia que ela não ia ficar muito tempo sozinha. A Fani é o tipo de pessoa que nasceu para namorar. — Eu conheci-o, é da faculdade dela. Mas enquanto eu lá estava, eles acabaram... Durou apenas três meses.

O Rodrigo desviou os olhos da estrada e virou-se para mim. Percebi que ficou admirado com esta informação.

— O Leo também acabou com a tal rapariga...

Entreolhámo-nos por uns instantes e, sem dizermos uma palavra, percebemos que estávamos a pensar o mesmo. O Leo e a Fani não iam acertar com ninguém tão cedo... Os dois formavam

um casal tão perfeito que se deveriam sentir incompletos numa qualquer relação com outra pessoa. Eu não concordava com o que o Leo fizera à Fani, com o modo como ele acabara com ela, mas ainda assim, e mesmo tendo certeza de que eles não iam reatar, desejei que um dia, depois de o tempo ter já curado todas as mágoas, eles se reencontrassem. E então tudo voltaria a fazer sentido.

Virei-me para o Rô, que tinha voltado a prestar atenção à condução. Acho que todas as pessoas que nos conheciam também deviam ter aquela impressão. Que formávamos um casal perfeito. Que tínhamos sido feitos um para o outro. Que nada nem ninguém nos podia separar.

Alarguei um pouco o cinto de segurança, sentei-me um pouco mais para o lado e encostei a cabeça no ombro dele. Ele olhou para mim e abraçou-me, puxando-me ainda mais para perto dele.

Então, também tive a mesma certeza. Que nunca nada nem ninguém nos iria separar.